

Produção e consumo cultural

de CORREIA DE SOUSA

I

Não podemos, é evidente, considerar a produção cultural resumida aos jornais, revistas e livros especialmente escritos com fins culturais, nem considerar suficientes e perduráveis os conhecimentos adquiridos nessas edições.

Geralmente escritas sem que se note a preocupação com o grau de capacidade assimilatória de leitores e estudiosos, essas publicações têm um mérito reduzido, constituindo uma ironia para aqueles que, desprevenidamente as adquirindo, verificam não poderem entrar no fundamento das suas matérias. Deitar uma carta ao correio sem endereço, seria uma estupidez; mas pôr em circulação um livro ou qualquer publicação cultural sem se saber a quem se destina, é acto habitual de inteligência a que não há reparos nem correcções a fazer.

Da produção sem destino resulta que, atraídos pelos títulos, gravuras, desenhos, combinações de cores, etc., o comprador julga entrar na posse duma publicação útil às suas necessidades intelectuais. Vai percorrendo colunas ou passando folhas, em breve verificando mal ter empregado o seu dinheiro. Desejoso de saber, olha a publicação com desgosto, contrariado, tentando fazer um esforço para compreender o texto. Volta a percorrer colunas, a passar folhas e capítulos, lendo um parágrafo aqui, parte de outro além, lê títulos de artigos, secções e textos, começa de novo, chelo de coragem, e quando encontra uns parágrafos mais acessíveis, que compreendeu ou julgou compreender, enche-se de satisfação e continua a esforçar-se. Em breve reconhece que o seu esforço é inútil, e penalizado, fatigado, aborrecido, julga-se desistido, reconhece a sua inferioridade e procura meter, a muitos, a publicação na cabeça.

Outras e muitas outras vezes o mesmo lhe sucedendo pela vida fora, seus poucos recursos e tempo são absorvidos sem o desejado rendimento ao passo que vai consumindo energia mental e pondo em dúvida a susceptibilidade de assimilação das suas faculdades.

Isto é o que sucede com a grande maioria dos trabalhadores que, desejosos de cultivar o espírito, geralmente faltos de recursos materiais, com pouco tempo disponível para estudar e frequentar escolas e sem a preparação prévia

exigida pelas publicações adquiridas, fazem durante a vida um esforço heróico para adquirir uns vagos conhecimentos. Nem sempre o trabalhador tem nas suas proximidades escolas de que possa beneficiar, cursos que geralmente só funcionam nos centros urbanos mais importantes, onde estão longe de ser em quantidade suficiente e da sua localidade de funcionamento satisfazer pela descentralização. E quando nesses centros urbanos se encontra, as condições de vida do trabalhador, suas disponibilidades de tempo e outras circunstâncias inibem-no de obedecer ao horário dos cursos ou de o tornar compatível, qualquer que ele seja, com as suas possibilidades de frequência.

Com bibliotecas não pode contar. Poucas e centralizadas, formalidades que nunca mais acabam, ambiente meio aristocratizado e de ritual pedante, elas são quasi ou de todo inúteis para o trabalhador, funcionando de maneira, a constituírem, geralmente, uma série de obstáculos a aumentar o número dos que já conta.

Tôdas enfermadas da geral ausência de método cultural, uma única tem uma colecção de catálogos elaborados segundo a espécie de leitores a quem aproveitassem as obras catalogadas. E, contudo, quer ellas sejam sustentadas pelo Estado, pelos municípios ou mesmo por entidades particulares, a elas não é estranho o sacrifício feito pelos trabalhadores durante a sua vida de árduo labor.

O operário cortou a pedra, fabricou e amassou a cal, fabricou a telha e os móveis, pintou, levantou os edifícios, construiu e montou máquinas, fabricou o tipo e o papel, compôs, imprimiu e encadernou as obras e esse conjunto de actividades básicas na existência da cultura dá-lhe incontestável direito não só a beneficiar dela mas a que ela lhe seja franqueada por todos os meios e com aquele método construtivo que ele usa quando, ao construir um edificio, começa pelos alicerces, pedra sobre pedra, pavimento sobre pavimento, até ao telhado.

Os officios, as artes, a técnica, toda a espécie de actividade, enfim, exigem competência dos seus executantes. A lei não admite que um individuo advogue em tribunal ou exerça a medicina sem que os seus diplomas legais provem a legalidade do exercício dessas actividades. O professorado,

desde o primário aos graus universitários, não pode ser exercido sem a prova, já não diremos do saber, mas desses cidadãos terem passado na escala que a esses lugares conduz.

Uma publicação representa sempre (?) um grau na escala do valor cultural, e esse grau exige ao leitor o correspondente grau de capacidade assimilatória. Se não tem essa preparação, a obra que lê só lhe pode corresponder com menos proveito ou sem proveito algum. E' o que acontece com a falta de visão e de aptidões profissionais. Não podemos esperar que um cego nos diga que tem na frente um quadro representando a ceda dos apóstolos nem exigir a um cabouquedro, a quem dêssemos as tintas, que nos apresentasse um quadro com uma pintura de boa arte.

Jornais e revistas culturais no nosso país, foram sempre quasi tão raros como picareta em casa de abade ou bife à mesa de pária. Tanto nas que têm existido como nas que existem, sempre a eterna nota: destinam-se a quem quer que seja, o comprador, sem que nos textos se dê pela preocupação com o grau de desenvolvimento intelectual do leitor.

Para uma acção cultural proveitosa, seria necessário, no que respeita a jornais e revistas de cultura, que se obedecesse aos vários graus de cultura dos leitores. Seriam possivelmente enciclopédicas, com secções distintas e colaboradores especializados e competentes, os quais tratariam matérias ou problemas com a gradativa profundidade correspondente aos meios únicos a que tais publicações se destinassem, sendo assim inteiramente úteis pela correspondência às necessidades intelectuais do leitor, que, estudioso, a seu tempo deixaria de ser comprador duma para se utilizar, prosseguido na formação da sua cultura, doutra publicação, na qual as matérias fossem mais aprofundadas e, portanto, mais proveitosas ao grau de conhecimentos já adquirido, e assim sucessivamente.

Cada uma destas publicações, que o correio levaria, com endereço completo, a casa de cada destinatário, seria única em todo o país e prestaría a cultura, de que exclusivamente se occuparia, o melhor benefício que é possível prestar-lhe. Evitar-se-ia também que essas publicações tivessem vida tão deficitária e efémera,

como geralmente têm, mesmo quando representam as mais louváveis tentativas, que esbarram com todos os obstáculos desde as dificuldades materiais ao número de assinantes, incompreensão do meio e atropelos da concorrência.

Mesmo de curta vida, tais publicações estão sujeitas, enquanto existem, a condições que ora representam grandes sacrificios para os próprios individuos que as escrevem e além de as escreverem, ora pouco agradam e dignificam os esforços e propósitos, por vezes tão louváveis, dos editores. Há sempre diversos e legítimos interesses ligados a essas publicações, tais como fornecedores de papel, tipografia, angariadores de assinaturas, agentes de publicidade, etc. Uns apresentam suas contas, outros não podem aumentar ou manter facilidades, resultando que a vida das publicações está à mercê de tôdas as contingências. Sacrificios com os recursos próprios até que se esgotem e mais um sacrificio recorrendo-se a tôdas as possibilidades de aumento de assinantes e procurando-se obter alguma receita em anúncios, sejam estes de rebuçados ou arreios, a sua duração é sempre curta.

«O Globo», tentativa das melhores que entre nós se têm feito, teve a curta vida que lhe conhecemos, não tendo desaparecido sem grandes sacrificios para o nosso particular amigo e camarada Jaime Brasil, que além de ter, pelo único preço do amor ao jornalismo e à cultura, dirigido essa publicação e nela ter deixado abundante cópia do seu saber, ficou com o encargo, só por ele voluntário e nobremente tomado, de 16.000\$00, importância que esteve liquidando durante 32 meses consecutivos.

Poderá dizer-se que não obstante a falta de método e tôdas as condições e circunstâncias que tornam a cultura difícil aos que lutam com tôdas as dificuldades materiais e intelectuais, essas publicações são ainda o melhor meio dos trabalhadores irem aumentando a soma de conhecimentos; que nelas sempre se encontra uma boa porção de texto acessível, pois sendo vários os colaboradores e diversos os assuntos, da natureza expositiva e estilo daqueles e da natureza destes bastante se pode aproveitar.

Da falta de visão, geralmente defendida com a divergên-

(Continua na página seguinte)